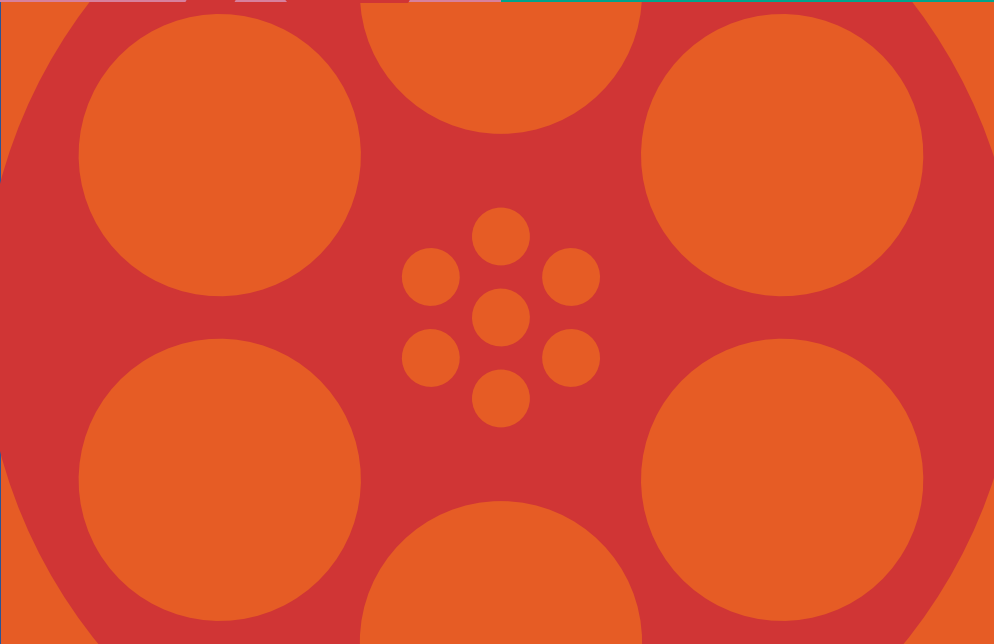
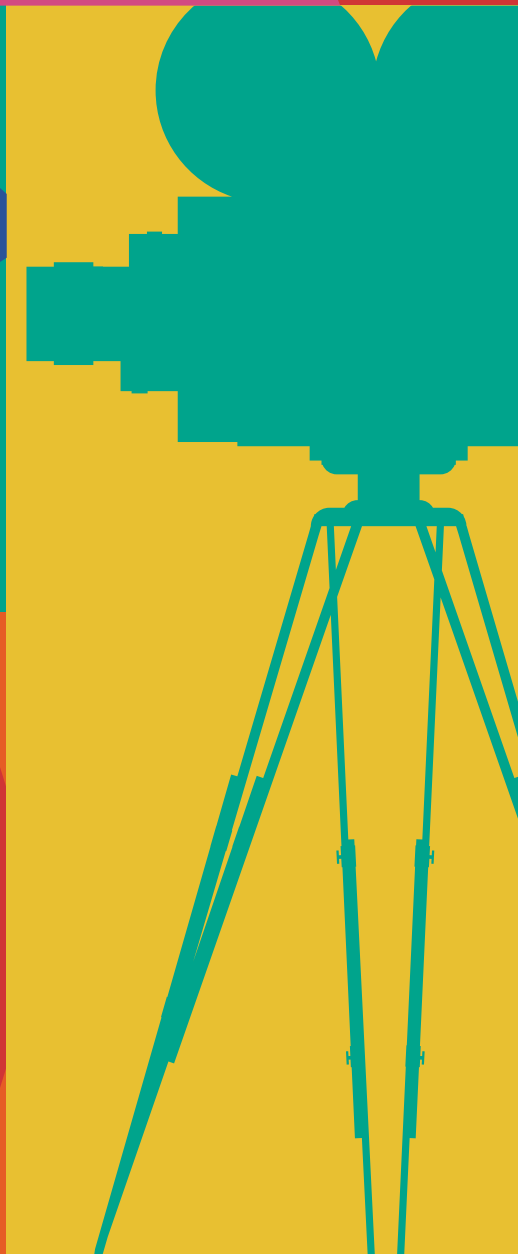
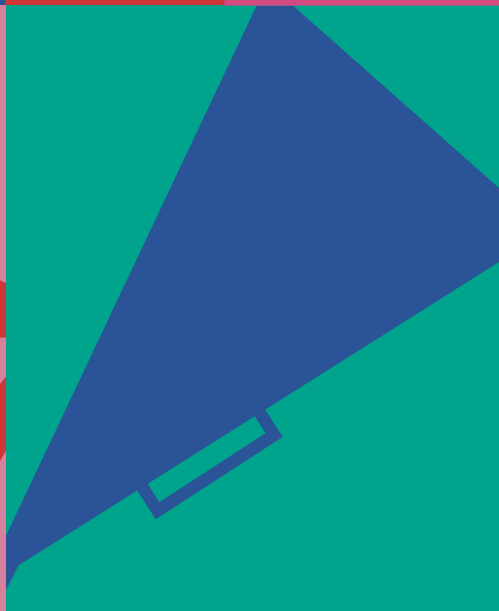
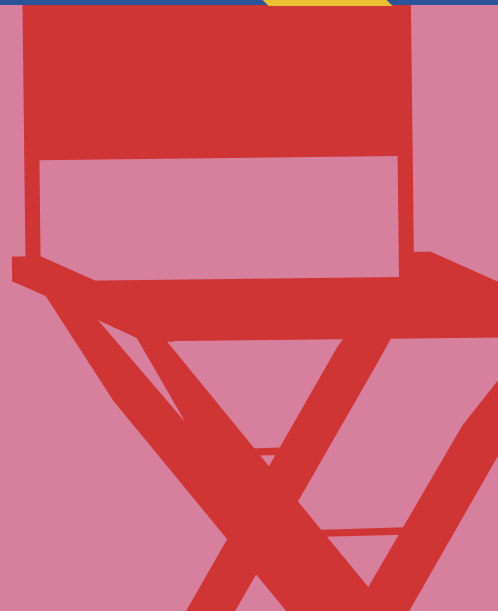




OS MELHORES FILMES DO ANO 2023

ESCOLHA DA CRÍTICA!
ASSOCIAÇÃO DE CRÍTICOS DE CINEMA DO RIO DE JANEIRO







OS MELHORES FILMES DO ANO 2023

Abbade, Mario (org.)

1ª edição

Março de 2024

ISBN 978-65-86448-19-1

Produção editorial **Mario Abbade**

Revisão de textos **Káthia Ferreira**

Projeto gráfico **Folha Verde Design**

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos organizadores.

OS MELHORES FILMES DO ANO 2023

ESCOLHA DA CRÍTICA!
ASSOCIAÇÃO DE CRÍTICOS DE CINEMA DO RIO DE JANEIRO

ESTAÇÃO NET RIO
*** 7 A 13 DE MARÇO DE 2024 ***

PONTO CINE
*** 12 A 17 DE MARÇO DE 2024 ***



SUMÁRIO

6 RETROSPECTIVA 2023

UM ANO COLORIDO E EXPLOSIVO * Lucas Salgado

10 OS MELHORES FILMES DE 2023

* Mario Abbade

16 ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES

OS LOBOS DE SCORSESE * Marcelo Janot

18 A BALEIA

O PESO DAS ESCOLHAS * Célio Silva

20 DECISÃO DE PARTIR

HITCHCOCK SUL-COREANO * Ricardo Langman

22 OPPENHEIMER

OS ALTOS VOOS DE NOLAN * Mario Abbade

24 OS BANSHEES DE INISHERIN

DOIS AMIGOS EM CONFLITO * Ana Rodrigues

26 OS FABELMANS

OS AMORES DE STEVEN SPIELBERG * Ana Carolina Garcia

28 PEARL

ODE AO CINEMA E CARNIFICINA * Luciana Costa

30 RETRATOS FANTASMAS

A ALMA EXPOSTA * Tatiana Trindade

32 TÁR

UMA QUEDA, PASSO A PASSO * Frank Carbone

34 TRIÂNGULO DA TRISTEZA

AS CIRCUNSTÂNCIAS DETERMINAM O OPRESSOR * Carlos Brito

36 HOMENAGEM À ATRIZ LÉA GARCIA

A VIDA COMO ELA É... O TALENTOSO DESTINO DE LÉA GARCIA * Bruno Giacobbo

38 HOMENAGEM AO ATOR, DIRETOR E DRAMATURGO JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

TRAJETÓRIA MARCADA POR SONHOS E MUDANÇAS * Daniel Schenker

42 HOMENAGEM AO COMPOSITOR BURT BACHARACH

O MAESTRO DO POP * Gilberto Silva Jr.

44 HOMENAGEM AO CRÍTICO MICHEL CIMENT

UM CRÍTICO BEST-SELLER NA ARTE DE ENTREVISTAR * Rodrigo Fonseca

46 INICIATIVA CINEMATOGRAFICA 2023 NELSON PEREIRA DOS SANTOS: VIDA DE CINEMA

ENTREVISTA COM AÍDA MARQUES * Pablo Bazanello

50 PROGRAMAÇÃO

52 CRÉDITOS



SET DE OPPENHEIMER



RETROSPECTIVA 2023

Um ano colorido e explosivo

Por Lucas Salgado

O ano de 2023 foi marcado por dois grandes acontecimentos que abalaram as estruturas de Hollywood. Um deles foi o fenômeno “Barbenheimer”, inusitado encontro entre “Barbie”, de Greta Gerwig, e “Oppenheimer”, de Christopher Nolan, dois filmes completamente opostos que chegaram de mãos dadas às telas e se transformaram em grandes sucessos de bilheteria, com faturamento combinado de US\$ 2,3 bilhões. O outro fenômeno foram as greves de atores e roteiristas dos Estados Unidos, que paralisaram a indústria cinematográfica por quase 200 dias, levantando discussões sobre regulamentação do *streaming* e, especialmente, sobre o uso de Inteligência Artificial nesse meio.

Antes disso, em seus primeiros meses, o ano viu o inesperado “Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo”, de Daniel Kwan e Daniel Scheinert, abocanhar os principais prêmios da temporada. O longa, estrelado por Michelle Yeoh, Jamie Lee Curtis e Ke Huy Quan, recebeu nada menos que sete Oscar, incluindo as estatuetas de Melhor Filme e Melhor Direção, e desbancou obras de cineastas cultuados como Steven Spielberg (“Os Fabelmans”) e Todd Field (“Tár”).

Já sem a sombra da covid-19, a expectativa em Hollywood era de que 2023 fosse o ano da retomada definitiva do público e da experiência cinematográfica, sobretudo após o ótimo desempenho de “Top Gun: Maverick” e “Avatar: O caminho da água” no ano anterior. No entanto, o que se viu não foi um mar de rosas. No primeiro semestre, a única grande bilheteria foi “Super Mario Bros.: O filme”, que arrecadou US\$ 1,3 bilhão nos cinemas mundo afora. Tiveram resultado aquém do esperado produções aguardadas como “A Pequena Sereia”, “Velozes & Furiosos 10”, “Missão: Impossível – Acerto de contas Parte 1”, “Indiana Jones e o chamado do destino” e “Transformers: O despertar das feras”.

O mesmo pode ser dito dos filmes protagonizados por super-heróis, que, na última década, vinham se destacando como os principais fenômenos de bilheteria. Mas não foi o que deu as caras no ano passado. “Guardiões da Galáxia, Vol. 3”, “Homem-Formiga e a Vespa: Quantumania”, “As Marvels” e “The Flash” tiveram desempenho decepcionante. E é aí que entra “Barbenheimer”.

A dupla estreia no fim de julho, que nasceu como “meme”, acabou criando uma onda de publicidade e público raramente vista em Hollywood. Mesmo sem seus elencos poderem caminhar por

tapetes vermelhos em razão do movimento de paralisação dos atores, os dois filmes foram fenômenos comerciais e apresentaram um cenário difícil de ser reproduzido – mesmo que se tente nos próximos anos.

E foi graças ao colorido filme da boneca vivida por Margot Robbie — com parceria mais que fundamental de Ryan Gosling como Ken — e ao intenso drama sobre o pai da bomba atômica, interpretado pelo estranhamente carismático Cillian Murphy, que o ano pôde ser observado sob uma ótica otimista. O sucesso foi tamanho que até Martin Scorsese, crítico recorrente de películas de grandes estúdios, traçou elogios públicos aos dois filmes, citando-os como esperanças de originalidade em obras comerciais de Hollywood.

Após brilharem nas salas de cinema, “Barbie” e “Oppenheimer” seguiram juntos para dominar também as premiações cinematográficas do ano, com destaque especial para o drama de Nolan.

Se o cenário internacional se dividiu entre greve e “Barbenheimer”, a cena nacional viu um intenso debate dominar as atenções: a necessidade do retorno da cota de tela. Em um ano de calendário completo, com os festivais acontecendo presencialmente e sem incidentes relacionados à covid-19, o cinema brasileiro demonstrou certa fragilidade. Tal panorama só mudou na última semana do ano, com o lançamento de “Mamonas Assassinas: O filme” e, principalmente, de “Minha irmã e eu”, primeira produção a superar a barreira de um milhão de espectadores desde a pandemia, o que, no entanto, só aconteceu nos primeiros dias de 2024.

Em 2023, o cenário ainda foi de dificuldade. O cinema nacional apostou claramente em cinebiografias para cativar o público, mas a procura por ingressos foi insuficiente mesmo diante de obras como “Nosso sonho”, sobre Claudinho e Buchecha, “Meu nome é Gal”, sobre Gal Costa, e “Mussum, o filmis”, sobre o eterno personagem dos Trapalhões. Entre eles, “Mussum” se destacou ao conquistar o Festival de Gramado, mas foi visto por menos de 300 mil pessoas. Já “Nosso sonho” alcançou a marca de longa nacional mais procurado do ano, com 521 mil espectadores, número bem aquém, porém, do habitual para filmes brasileiros.

No apagar das luzes, em dezembro, foram aprovadas no Congresso Nacional as leis de cota de tela para cinema e TV paga. Junto com o milhão de espectadores que viram o filme de Tatá Werneck e Ingrid Guimarães, “Minha irmã e eu”, a notícia deu um gás de esperança para o cinema nacional e a expectativa é de que as coisas melhorem já em 2024. É esperar para ver... e torcer.



TÁR



ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES



Os Melhores Filmes de 2023

Por Mario Abbade

Como no ano passado, a Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) deliberou e votou, democraticamente, os melhores filmes do ano, as homenagens e os destaques. Foram considerados todos os longas-metragens lançados no Brasil entre 1º de janeiro e 30 de dezembro de 2023. Também houve a reeleição da diretoria – composta pelo presidente Ricardo Largman, a vice-presidente Ana Carolina Garcia, a secretária-geral Ana Rodrigues e o tesoureiro Mario Abbade – para o biênio 2024-2025.

A reunião para a eleição dos 10 Melhores Filmes do Ano, realizada por videoconferência no dia 30 de dezembro, manteve as características das eleições passadas: foram necessários três turnos, nos quais cada participante votou em seus preferidos. “Assassinos da lua das flores” (Killers of the flower moon), de Martin Scorsese (EUA, 2023), foi eleito o Melhor Filme do Ano.

Os outros nove títulos são, em ordem alfabética: “A baleia” (The whale), de Darren Aronofsky (EUA, 2022); “Decisão de partir” (Heojil kyolshim), de Park Chan-wook (Coreia do Sul, 2022); “Oppenheimer” (Oppenheimer), de Christopher Nolan (EUA/Reino Unido, 2023); “Os Banshees de Inisherin” (The Banshees of Inisherin), de Martin McDonagh (Reino Unido/EUA/Irlanda, 2022); “Os Fabelmans” (The Fabelmans), de Steven Spielberg (EUA/Índia, 2022); “Pearl” (Pearl), de Ti West (EUA/Canadá/Nova Zelândia, 2022); “Retratos fantasmas”, de Kleber Mendonça Filho (Brasil, 2023); “Tár” (Tár), de Todd Field (EUA, 2022); “Triângulo da tristeza” (Triangle of sadness), de Ruben Östlund (Reino Unido/Suécia/Alemanha/México/França/Turquia/Dinamarca/EUA/Suíça/Grécia, 2022).

Outros filmes chegaram ao segundo turno da votação. São eles, em ordem alfabética: “Barbie”, de Greta Gerwig (EUA/Reino Unido, 2023); “Homem-Aranha: Através do Aranhaverso” (Spider-Man: Across the Spider-Verse), de Joaquim Dos Santos, Kemp Powers, Justin K. Thompson (EUA, 2023); “Maestro”, de Bradley Cooper (EUA, 2023); “Monster” (Kaibutsu), de Kore-Eda Hirokazu (Japão, 2023); “Guardiões da Galáxia, Vol. 3” (Guardians of the Galaxy, Vol. 3), de James Gunn (EUA/Nova Zelândia/França/Canadá, 2023); “Pedágio”, de Carolina Markowicz (Brasil, 2023).

As homenagens póstumas foram para: a atriz Léa Garcia; o ator, diretor e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa; o compositor Burt Bacharach; e o crítico de cinema Michel Ciment.

O título de Melhor Iniciativa Cinematográfica de 2023 foi concedido às diretoras Aída Marques e

Ivelise Ferreira pelo documentário “Nelson Pereira dos Santos: Vida de cinema”. Um importante resgate da obra do icônico cineasta, autor de “Vidas secas”, um dos filmes brasileiros mais premiados de todos os tempos.

Com o apoio da RioFilme, órgão que integra a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Rio, por meio do programa de patrocínio Pró-Carioca Audiovisual, a ACCRJ confirma seu compromisso com o público, promovendo ao longo de março a exibição dos filmes eleitos, com debate, no Estação NET Rio e no Ponto Cine. Que 2024 seja cinematográfico, com filmes interessantes. E um ótimo ano para todos os cinéfilos.



OS FABELMANS







ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES



OS LOBOS DE SCORSESE

Por Marcelo Janot

Quando Bill Hale (Robert De Niro) recebe seu sobrinho Ernest (Leonardo DiCaprio) em Fairfax, uma das primeiras formas de apresentá-lo à cultura indígena é recomendando a leitura de um livro infantil no qual, em uma das páginas, há uma ilustração com um desafio: “Você consegue encontrar os lobos nessa figura?”. Lobos, no sentido figurado, são uma presença constante na obra de Martin Scorsese. A hierarquia de poder que envolve os microcosmos sociais que ele tão bem retrata está recheada de situações em que o mais fraco, a qualquer momento, pode ser devorado, reflexo das reminiscências de sua infância e juventude.

Lealdade *versus* traição é, portanto, um tema central em seus filmes. E não poderia ser diferente em “Assassinos da lua das flores”, que tem em Bill Hale um lobo em pele de cordeiro, que se finge de amigo do povo Osage para depois eliminá-lo. Seus métodos, na pequena cidade de Oklahoma, não são tão distantes assim do comportamento mafioso de outros chefões de seus filmes, ou de Al Capone na Chicago daqueles mesmos anos 20.

Inclusivo e engajado ao dar visibilidade à injustiça histórica, “Assassinos da lua das flores” é mais um capítulo da radiografia feita por Scorsese da formação da sociedade americana, presente nos embates tribais de “Gangues de Nova York”, na hipocrisia da rigidez aristocrática em “A época da inocência”, na busca pelo poder e pelo enriquecimento a qualquer custo em “Os bons companheiros”, “Cassino” ou “O lobo de Wall Street”, para citar alguns exemplos. A valorização excessiva do individualismo e o desprezo pelo outro, movidos por preconceito, ignorância e violentos conflitos que se perpetuam por séculos, são feridas que o diretor nunca se furtou a tocar.

No fim, no lugar da tradicional cartela preta contando o destino de cada personagem, um visivelmente emocionado Scorsese faz uma ponta que nos dá a certeza de estarmos diante não apenas de um dos maiores cineastas de seu tempo, mas de que esse tempo ainda é hoje, e que Scorsese continua cheio de inconformismo e com o vigor necessário para continuar a fazer valerem sua voz e sua arte.

17



Assassinos da lua das flores (Killers of the flower moon), de Martin Scorsese (EUA, 2023). Leonardo DiCaprio, Robert De Niro, Lily Gladstone.

Drama/Policial. Sinopse: Na virada do século XX, o petróleo tornou a nação Osage a mais rica do mundo do dia para a noite. Tanta riqueza atraiu intrusos brancos, que manipularam, extorquiram e roubaram o dinheiro dos Osage antes de assassinar a sua população. **206 minutos. 14 anos.**



A BALEIA



O PESO DAS ESCOLHAS

Por Célio Silva

“A baleia” é percebido por algumas pessoas como um filme desconfortável e até apelativo, especialmente para aqueles que não se sentem bem ao ver a forma física de Charlie (Brendan Fraser), um obeso mórbido que não para de comer. Charlie está prestes a perder a vida por isso, o que é exposto durante os 117 minutos de duração do longa dirigido por Darren Aronofsky (“Cisne negro”).

Mas o que “A baleia” quer revelar é que, por trás dessa história de excesso de peso, está um homem que tomou certas decisões na vida que tiveram graves consequências – e ele sofre por isso. Ciente de que pode morrer por causa de seu estado de saúde, ele procura se reconectar com a filha, Ellie (Sadie Sink), que ele abandonou quando a menina tinha 8 anos para ir viver com outro homem.

De temperamento difícil, a jovem, que nunca perdoou o pai pelo abandono, resiste à reaproximação. Mas Charlie acredita que, mesmo prestes a morrer, pode se acertar com Ellie para ter a certeza de que, afinal, pelo menos alguma coisa boa na vida ele fez.

Inspirado na peça de Samuel D. Hunter (que também assina o roteiro do filme), “A baleia” apresenta semelhanças com outro longa dirigido por Aronofsky, “O lutador” (2008). Como o personagem de Mickey Rourke naquela produção, o protagonista interpretado por Fraser busca a redenção pelo mal feito a pessoas que ama, mesmo que, para isso, seja necessário um sacrifício maior. Nos dois casos, o diretor consegue realizar trabalhos exemplares.

Embora muitas das cenas tenham um ar de “teatro filmado”, Aronofsky teve a seu favor um bom olho para escolher os atores que compõem o elenco. Em especial, Brendan Fraser. Coberto por uma pesada maquiagem (que venceu o Oscar), o ator tem a melhor interpretação de sua carreira, fazendo com que o público perceba claramente a sensibilidade de Charlie por trás da aparência. Seu trabalho foi tão notável que ele ganhou diversos prêmios, culminando com o Oscar de Melhor Ator.

Com um desfecho impactante, “A baleia” se tornou um dos filmes mais marcantes de 2023.

19



A baleia (The whale), de Darren Aronofsky (EUA, 2022). Com Brendan Fraser, Sadie Sink, Ty Simpkins.

Drama. Sinopse: Um professor de inglês recluso e com obesidade severa tenta se reconectar com a distante filha adolescente para uma última chance de redenção. **117 minutos. 16 anos.**



DECISÃO DE PARTIR



HITCHCOCK SUL-COREANO

Por Ricardo Langman

Em entrevista recente, o diretor sul-coreano Park Chan-wook reconheceu a forte influência de Alfred Hitchcock em sua filmografia. Nem precisava. Era inevitável a comparação de passagens de seu incensado “Old boy” com as de “Intriga internacional”. E de “O homem errado”, ou da trama de “A criada”, com a de “Interlúdio”. A relação de proximidade com a obra do cineasta londrino fica agora mais evidente ainda em “Decisão de partir”. Multipremiado na Ásia e Melhor Direção em Cannes, o filme traz planos que parecem cópias — muitíssimo bem-feitas, ressalte-se — de “Um corpo que cai”.

A história apresenta o obsessivo detetive criminal Hae-joon (interpretado por Park Hae-il) no trabalho de investigação da morte suspeita de um escalador idoso numa montanha de Busan, cidade portuária da Coreia do Sul. Ele entrevista a viúva, uma jovem sedutora e enigmática chamada Seo-rae (a expressiva atriz Tang Wei), cuja perda do marido não parece perturbá-la. Com alguma hesitação, mas de forma gradualmente vertiginosa, o detetive transforma a sua obsessão profissional em desejo e paixão (quase) incontrolláveis pela mulher.

Com trilha sonora ocidental, planos oblíquos e criativos, além de uma narrativa sóbria e elegante, sem a brutalidade e as fartas doses de sexo que marcaram trabalhos predecessores de seu diretor, “Decisão de partir” faz óbvias conexões com o clássico de Hitchcock. Aliás, Chan-wook afirmou inúmeras vezes que “Um corpo que cai” sempre foi o seu filme favorito. Ex-crítico de cinema, ele reverencia o mestre inspirador, mas também outros: não há como negar a semelhança com “Um tiro na noite”, de Brian De Palma, na sequência final que destaca o desespero do protagonista.

Chan-wook seria, então, apenas um parodista eficiente? De forma alguma. Seu estilo — enquadramentos, diálogos, desenvolvimento dos personagens, ritmo de narrativa — tem personalidade e, mais importante, indiscutível qualidade. Se é inferior, tão bom ou até melhor que as suas fontes de inspiração, cabe ao espectador decidir.

21



Decisão de partir (Heojil kyolshim), de Park Chan-wook (Coreia do Sul, 2022). Com Park Hae-il, Tang Wei, Lee Jung-hyun.

Drama/Mistério. Sinopse: Um detetive meticuloso investiga um possível assassinato em um remoto vilarejo de montanha. Lá ele começa a desenvolver um caso de amor com a viúva da vítima, considerada por ele a principal suspeita do crime. **139 minutos. 14 anos.**



OPPENHEIMER



OS ALTOS VOOS DE NOLAN

Por Mario Abbade

Mal comparando, o mito de Ícaro pode ser um ponto de partida para se falar do trabalho do cineasta britânico Christopher Nolan. Como o jovem grego que sofreu as consequências por voar muito alto, perto do sol, Nolan acaba sendo vítima de certo preconceito por fazer filmes ao mesmo tempo inseridos na cultura pop e demasiadamente autorais. E, ainda por cima, com narrativas intrincadas. Seus projetos costumam se tornar *blockbusters*, render milhares de dólares e, simultaneamente, ser catalogados por boa parte dos especialistas de veículos relevantes como obras de arte cinematográfica. Pertencer a dois universos tão díspares resulta também, no fim das contas, em críticas negativas, sustentadas por um equívoco que se confunde com a história do cinema. Afinal, por que *blockbuster* não pode ser um filme de arte?

Com “Oppenheimer”, sobre o físico J. Robert Oppenheimer – o criador da bomba atômica –, Christopher Nolan chega ao ápice de seu estilo ao contar uma história real, inspirada no livro gigantesco e de difícil adaptação *Oppenheimer: O triunfo e a tragédia do Prometeu americano*, de Kai Bird e Martin J. Sherwin. Nolan, também responsável pelo roteiro, transformou a obra de Bird e Sherwin em filme de três horas que é um fenômeno de mais de US\$ 1 bilhão nas bilheterias. Lançado no verão americano, época reservada, em geral, para produções comerciais, o longa também vem recebendo prêmios importantes, além de 13 indicações ao Oscar, incluindo Melhor Filme, Direção e Roteiro.

Todos esses feitos foram conquistados sem que o diretor abandonasse seu jeito peculiar de fazer cinema, que, segundo o próprio, é “manipular o tempo da história e a experiência do espectador em relação a ela, demonstrando que suas crenças sobre o mundo são uma questão de percepção”. “Oppenheimer” é um arroubo de inteligência técnica e dramaturgic que exemplifica com eficiência essa definição do cineasta. Nolan usa suas técnicas preferidas para tratar da efemeridade da vida e do tempo. Com isso, consegue ilustrar magistralmente como J. Robert Oppenheimer, como todos nós, somos muitos pedaços, muitas vezes até incoerentes, que compõem um todo não uniforme. O brilho dessa ousadia tem seu preço, mas, diferentemente de Ícaro, Nolan tem alçado voos cada vez mais extraordinários.

23



Oppenheimer (Oppenheimer), de Christopher Nolan (EUA/Reino Unido, 2023). Com Cillian Murphy, Emily Blunt, Matt Damon.

Drama/Biografia. Sinopse: A história do cientista americano J. Robert Oppenheimer e o seu papel no desenvolvimento da bomba atômica. **180 minutos. 16 anos.**



**OS BANSHEES
DE INISHERIN**



DOIS AMIGOS EM CONFLITO

Por Ana Rodrigues

Todos os dias em Inisherin, vilarejo numa ilha da Irlanda, Pádraic Súilleabháin (Colin Farrell) passa na casa de Colm Doherty (Brendan Gleeson), às duas da tarde, para irem juntos ao *pub* tomar umas cervejas e jogar conversa fora. Num dia qualquer, Pádraic, seguindo a rotina, vai à casa do amigo, mas é ignorado por ele. Colm não quer mais a amizade. Diz que chegou à conclusão de que Pádraic é um chato, um idiota sem ambições, e que vai se dedicar a algo maior: sua música.

Em “Os Banshees de Inisherin”, o personagem de Farrell é um homem muito simples. Seus prazeres se resumem àqueles encontros diários e a seus animais: uma fêmea burrico, um cavalo e uma vaca. A irmã (Kerry Condon) é um apoio no ambiente caseiro. Mas o absurdo da rejeição do amigo, que começa cômico, torna-se dramático. A obstinação de Pádraic e as atitudes de Colm remetem à figura mitológica feminina celta das Banshees, que simbolizam o mau agouro. Uma idosa na ilha, com ares de bruxa, vai dar um tom profético aos distúrbios.

Escrito e dirigido por Martin McDonagh, a obra retrata essa relação abruptamente rompida num ambiente peculiar. Da ilha, os moradores veem, a distância, o continente e as explosões da guerra civil irlandesa que eclodiu na década de 1920. Como na maioria dos conflitos, a ruptura entre os amigos é algo difícil de compreender e mediar. A deslumbrante fotografia explora a ilha sempre nublada. O sol tenta aparecer, mas sem muita chance de brilhar, como o relacionamento conturbado que se apresenta.

McDonagh reúne novamente os atores Colin e Brendan, de “Na mira do chefe”. O trio é exitoso na construção de personagens que estão vivendo situações-limite em perfeita harmonia cênica. Mas, em “Os Banshees de Inisherin”, eles estão em oposição nos caminhos dessa relação.

Indicado a nove Oscar, incluindo Melhor Filme, “Os Banshees de Inisherin” não ganhou nenhum, mas fortaleceu a marca de McDonagh como um dos diretores mais consistentes do cinema autoral contemporâneo.

25



Os Banshees de Inisherin (The Banshees of Inisherin), de Martin McDonagh (Reino Unido/EUA/Irlanda, 2022). Com Colin Farrell, Brendan Gleeson, Kerry Condon.

Drama/Comédia. Sinopse: Dois amigos de longa data encontram-se em um impasse quando um deles decide, abruptamente, romper a amizade, com consequências alarmantes para ambos. **114 minutos. 16 anos.**



OS FABELMANS



OS AMORES DE STEVEN SPIELBERG

Por Ana Carolina Garcia

Um dos responsáveis por revolucionar a sétima arte nos anos 1970, Steven Spielberg decidiu levar às telas um pouco de sua história, mostrando como o interesse pelo cinema o guia desde sempre. Para tanto, compôs uma declaração de amor à sua família e à arte, que tanto lhe deve, ao realizar “Os Fabelmans” (The Fabelmans, 2022).

A trama começa em 1952, com a primeira ida ao cinema do protagonista, Sam (Mateo Zoryan, infância / Gabriel LaBelle, adolescência). O filme em questão é “O maior espetáculo da Terra” (The greatest show on Earth, 1952), de Cecil B. DeMille. Impactado pela experiência, o menino descobre uma nova paixão que o ajuda a encontrar seu lugar em meio às adversidades do mundo real, entre elas, o divórcio dos pais e o *bullying*, agravado pelo antissemitismo de alguns colegas de escola.

Trabalhando drama e humor com equilíbrio, “Os Fabelmans” tem como um de seus destaques o jogo cênico estabelecido entre LaBelle e veteranos como Michelle Williams (Mitzi), Paul Dano (Burt) e Judd Hirsch (Boris). Spielberg descobriu muito cedo a importância de dirigir seus atores, o que é abordado na sequência que reconstitui parte das filmagens do curta “Escape to nowhere” (1961). Aliás, o longa também chama a atenção pelo rigor técnico, sobretudo pelo esmero e pela habilidade com que as imagens captadas pela câmera 8mm do protagonista são tratadas pela fotografia de Janusz Kaminski, antigo colaborador do diretor.

Produzido numa época de ascensão das plataformas de *streaming*, “Os Fabelmans”, além de ser uma declaração de amor de Spielberg à família e à sétima arte, é uma exaltação do modelo tradicional de cinema, calcado na experiência proporcionada pela sala de exibição. E, ao final da sessão, a emoção permite ao espectador respeitar e admirar ainda mais seu realizador, que, ao longo da carreira vem passeando com destreza por gêneros cinematográficos distintos e dirigiu, entre tantos títulos aclamados, o primeiro *blockbuster* da História: “Tubarão” (Jaws, 1975).

27



Os Fabelmans (The Fabelmans), de Steven Spielberg (EUA/Índia, 2022). Com Michelle Williams, Gabriel LaBelle, Paul Dano.

Drama. Sinopse: Crescendo no Arizona da era pós-Segunda Guerra, um jovem chamado Sammy Fabelman descobre um segredo de família e explora o poder dos filmes para ajudá-lo a ver a verdade. **151 minutos. 14 anos.**



PEARL



ODE AO CINEMA E CARNIFICINA

Por Luciana Costa

O filósofo Friedrich Nietzsche dizia que “a arte existe para que a realidade não nos destrua”. E é envolta nessa premissa que vive a personagem Pearl. O problema é que quando arte e sonhos acabam, só restando a realidade, uma pessoa com rompantes violentos pode enlouquecer. Ainda que tenha sido lançado depois de “X: A marca da maldade” (2022), “Pearl” é um prequel, narrando o que levou a personagem Pearl a se tornar uma brutal assassina. Ambos os filmes foram dirigidos por Ti West, sendo que “X” foi escrito por West e “Pearl” por ele e Mia Goth, que interpreta a protagonista das duas produções.

West se inspirou em dois clássicos do cinema – “O mágico de Oz” (1939) e “O que terá acontecido a Baby Jane?” (1962) – para dar à personagem que nomeia a trama o ar pueril de inocência necessário em alguns momentos e a aparência de descontrole e histeria em outros. De beleza exótica, Goth, neta da atriz brasileira Maria Guedes, acerta o tom. Às vezes é possível sentir pena de Pearl ou até identificação com aquela jovem sonhadora que vive uma realidade difícil e se refugia nos filmes e no sonho de ser dançarina.

A história, que se passa em 1918, é um suspense que presta homenagem aos primórdios do cinema. Ti West utiliza antigas técnicas de filmagem, como o *fade out*, para caracterizar o momento em que a protagonista se sente realizada, algo comum nas cenas de romance ou de desfecho com final feliz nos filmes mudos. As homenagens não param por aí – até mesmo a jacaré de “Pearl” se chama Theda, para reverenciar a atriz de filmes mudos Theda Bara.

No primeiro ato, a fotografia e as músicas criam um clima onírico, de conto de fadas. Já o segundo ato é tomado pelo suspense, provocando desconforto no espectador – temos a sensação o tempo todo de que algo terrível está para acontecer. A carnificina gráfica só vem, porém, no terceiro ato. Até lá, toda a ambientação e os personagens vão sendo gradativamente muito bem construídos.

Foi anunciado um terceiro filme da franquia. Com o talento que mostrou até aqui e que ganhou força em séries de terror, Ti West parece ser o nome que faltava ao gênero.



Pearl (Pearl), de Ti West (EUA/Canadá/Nova Zelândia, 2022). Com Mia Goth, David Corenswet, Tandi Wright.

Drama/Terror. Sinopse: Veja como Pearl se tornou a assassina feroz vista em “X”. **103 minutos. 18 anos.**



RETRATOS FANTASMAS



A ALMA EXPOSTA

Por Tatiana Trindade

Quando um diretor de cinema decide contar a sua vida, normalmente o faz de maneira ficcional, como um tributo àquela arte que é parte central de sua jornada. A afetividade em contar essas histórias é, portanto, quase palpável por parte do espectador. Citando exemplos recentes, Alfonso Cuarón trouxe esse olhar com “Roma”, em 2018, e em 2022 Steven Spielberg fez o mesmo com “Os Fabelmans”.

Já Kleber Mendonça Filho transforma suas memórias em um documentário recheado não só com sua infância e seu desenvolvimento, mas também com a crescente precariedade da indústria cinematográfica em Recife no mesmo período. Segundo Kleber, é como se um não existisse sem o outro, e as marcas deixadas pelo abandono da cultura na cidade ainda perpetuam seus rastros no diretor. Marcas com as quais o amante do cinema brasileiro se identifica, porque o declínio da cultura aconteceu em nível nacional.

Passando pela casa que deu lugar a tantas lembranças contadas por ele e pelos principais cinemas da cidade, que desapareceram ao longo dos anos, Kleber revisita memórias familiares e de pessoas importantes que tiveram papel fundamental em sua vida. Ele opta por mostrar a realidade, mas vai além de uma visão crua. O mundo que vemos é o seu mundo, com seus olhos e lentes de adulto e de criança. A casa e os cinemas são personagens centrais, e o conjunto das filmagens e a narração expõem sua alma na tela, que é exatamente o ingrediente-chave para ser uma de suas obras-primas.

“Retratos fantasmas” pode não atrair de imediato o espectador pelo estigma que a arte documental possui – a receptividade aos longas ficcionais costuma ser muito maior. Contudo, “Retratos fantasmas” está em um lugar tão intrínseco de fantasia, sonho, amor e realidade que é fácil esquecer que se trata de documentário. Esta é a característica que o torna único – por ter sido realizado somente pela pessoa que poderia contar essa história de forma tão especial.

31



Retratos fantasmas, de Kleber Mendonça Filho (Brasil, 2023).

Documentário. Sinopse: A história se passa no Centro de Recife, em Pernambuco, simultaneamente entre o passado e agora, entre o Cinema Veneza, em duas pontes, e o Cinema São Luiz. **93 minutos. 12 anos.**



TÁR



UMA QUEDA, PASSO A PASSO

Por Frank Carbone

Para se entender as complexas camadas de “Tár”, é necessária uma reflexão aprofundada sobre os temas que ali se encontram nas entrelinhas, assuntos hoje prementes. Da mesa de bar aos debates entre sociólogos, do jogo das *fake news* ao papel delegado à mulher no machismo estrutural, da exacerbação da figura pública ao papel preponderante da indústria midiática – poucos temas ficaram de fora do roteiro do cineasta Todd Field para “Tár”. Após dezesseis anos sem filmar, ele revela que não perdeu a verve de cronista social, ao abordar com precisão o que é essencial em considerações sobre a atualidade.

Profissional da música, a personagem Lydia Tár é a maior em sua área de atuação, é uma maestra histórica, assim podemos dizer. Mas nada disso é suficiente para blindá-la das consequências dos próprios atos, alvos de um julgamento que destrói progressivamente tudo o que ela cria. Retrato tão perspicaz do mundo de hoje e estudo tão acurado dessa rica personagem, “Tár” foi confundido por boa parte do público com a biografia de uma figura verídica; não é. Parte do fascínio e do talento de Field foi justamente construir da maneira mais natural e orgânica possível as minúcias de uma queda inevitável – a queda da personagem. A câmera sempre olha para o que deve olhar, deixando as sutilezas a cargo do espectador.

A outra parcela do sucesso do filme se deve ao trabalho daquela que podemos chamar de uma das principais intérpretes do cinema hoje. Não bastasse essa alcunha acertada, o lugar que Cate Blanchett estabelece aqui é tão cheio de nuances e curvas, tão incrustado de possibilidades de observação e análise, que fica difícil compará-la com outro ator ou atriz sob qualquer parâmetro. Apenas as artistas em auge de carreira ininterrupto como ela podem se dar ao luxo de ser consideradas, de maneira leiga, coautoras de um projeto. E é o que acontece aqui. É impossível imaginar “Tár” sem a sofisticação de Field e, tampouco, sem a fúria elegante de Blanchett.

33



Tár (Tár), de Todd Field (EUA, 2022). Com Cate Blanchett, Noémie Merlant, Nina Hoss.

Drama. Sinopse: Situado no mundo da música clássica ocidental, o filme é centrado em Lydia Tár, considerada uma das maiores compositoras regentes vivas e a primeira diretora musical de uma grande orquestra alemã. **158 minutos. 14 anos.**



**TRIÂNGULO
DA TRISTEZA**



AS CIRCUNSTÂNCIAS DETERMINAM O OPRESSOR

Por Carlos Brito

Ainda no primeiro ato de “Triângulo da tristeza”, o diretor Ruben Östlund (“Força maior”, “The square: A arte da discórdia”) utiliza um artifício satírico simples, mas não simplório, para estabelecer a diferença de percepção entre as máscaras usadas por classes sociais distintas – tema fundamental da trama e, de certo modo, de sua filmografia.

Sob o comando de um coordenador, jovens modelos masculinos alternam, de forma nada espontânea, expressões graves e alegres – cada uma associada a determinada marca. Balenciaga, exclusiva e cara, enseja seriedade e tensão; H&M, popular e acessível para os padrões financeiros de países desenvolvidos, pede sorrisos e olhares amistosos.

Propositalmente, a sátira, que já não é sutil, fica ainda mais aguda no segundo ato, quando os personagens principais estão todos em um mesmo cenário: um iate, no qual as características mais marcantes de cada um deles virão à tona.

As marcas da personalidade dos personagens e os locais que eles ocupam dentro da escala social e da própria estrutura da embarcação são bastante caricatos. E isso é intencional: poderosos ficam ao sol; já os empregados permanecem, em sua maioria, nos andares de baixo.

O terceiro e último ato tem início quando um evento externo específico altera de forma drástica a dinâmica de poder dentro do grupo. A partir daí, quem era dominado passará a dominar. Esse momento na trama ocorre em uma ilha – cenário que potencializa uma aparente impossibilidade de fuga da nova realidade.

E é nesse ponto que reside o maior mérito de “Triângulo da tristeza”. Com sabedoria, o diretor destrói as fáceis demonizações de privilegiados e a exaltação dos mais pobres para mostrar que, dadas as circunstâncias, todos, sem exceção, podem ser opressores. Afinal, todos pertencem à mesma raça: a humana.



Triângulo da tristeza (Triangle of sadness), de Ruben Östlund (Reino Unido/Suécia/Alemanha/México/França/Turquia/Dinamarca/EUA/Suíça/Grécia, 2022). Com Tobias Thorsrud, Harris Dickinson, Charlbi Dean.

Drama/Comédia. Sinopse: Um casal de modelos-celebridades se junta a um grupo para um agitado cruzeiro para super-ricos. **147 minutos. 16 anos.**



**HOMENAGEM À
ATRIZ LÉA GARCIA**



A VIDA COMO ELA É... O TALENTOSO DESTINO DE LÉA GARCIA

Por Bruno Giacobbo

Não temos como saber quando nem como iremos morrer, a única coisa que sabemos é que um dia morreremos. Assim, o destino às vezes nos reserva surpresas. A morte de um soldado na guerra é algo esperado. Já a de um ator no palco, não. A atriz Léa Garcia, uma das pioneiras entre os negros na dramaturgia nacional, não morreu em um palco propriamente dito, mas quis o destino que ela viesse a falecer, em 15 de agosto de 2023, perto de outro tipo de palco, o palco do mais tradicional festival de cinema do Brasil: o de Gramado. Léa estava na cidade para receber, no dia seguinte, um prêmio pelo conjunto de sua obra, o Troféu Oscarito. Mas quis o destino, sempre ele, que este fosse um prêmio póstumo.

Nascida Léa Lucas Garcia de Aguiar em 11 de março de 1933, no Rio de Janeiro, a atriz sabia desde cedo que a arte era a sua vocação. Inicialmente escolheu a literatura. Queria ser escritora. Tudo mudou quando conheceu o dramaturgo Abdias Nascimento, com quem se casaria e teria dois filhos. Foi ele quem lhe apresentou as tragédias gregas e, com estas, o amor pelo palco. E foi ele ainda que lhe deu uma de suas primeiras oportunidades de atuar em uma peça de sua autoria, chamada “Rapsódia negra”, em 1952. Dos palcos para os estúdios, passando pelos sets, todo o resto foi fruto do seu enorme talento.

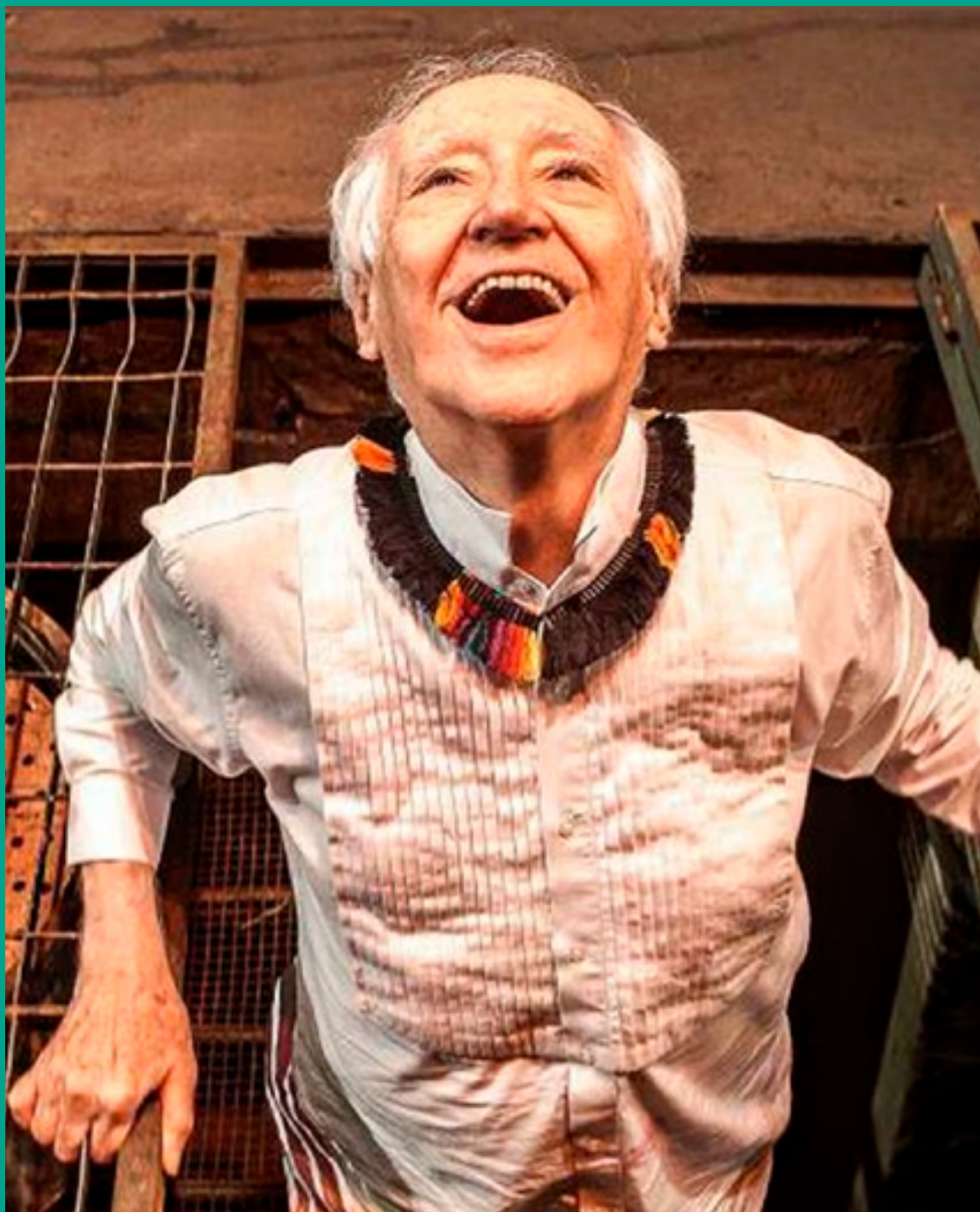
Em um rápido levantamento, Léa Garcia atuou em mais de 150 produções, incluindo teatro, cinema e TV. Seu último trabalho foi “Independências” (2022), série da TV Cultura. Mas o seu ápice, mesmo considerando os vários prêmios recebidos ao longo de uma carreira de mais de 70 anos, entre eles o Kikito de Melhor Atriz Coadjuvante por “As filhas do vento” (2005), foi em “Orfeu Negro” (1959), de Marcel Camus. Pela película, ganhadora do Oscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira em 1960, e da Palma de Ouro, ela concorreu ao prêmio de Melhor Atriz em Cannes. Assim, Léa se tornou, definitivamente, uma referência para todos os intérpretes pretos do Brasil. Talvez, lá atrás, ela apenas sonhasse fazer arte. Mas como saber o que o destino nos reserva, não é?

37



As filhas do vento, de Joel Zito Araújo (Brasil, 2004). Com Ruth de Souza, Léa Garcia, Milton Gonçalves.

Drama. Sinopse: Em uma pequena cidade de Minas Gerais, duas irmãs se reencontram depois de anos de afastamento. Uma delas foi para a cidade, em busca de uma carreira de atriz. A outra ficou para cuidar do pai. **85 minutos. 14 anos.**



**HOMENAGEM AO ATOR, DIRETOR
E DRAMATURGO JOSÉ CELSO
MARTINEZ CORRÊA**



TRAJETÓRIA MARCADA POR SONHOS E MUDANÇAS

Por Daniel Schenker

Ao longo de seu percurso, José Celso Martinez Corrêa, fundador do Teatro Oficina, mudou radicalmente sua visão de mundo. E essa transformação se refletiu em sua prática teatral.

O Oficina surgiu em 1958 dentro da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. A fase amadora foi marcada por montagens de textos autobiográficos do próprio Zé Celso e pela referência a Jean-Paul Sartre. Na transição para a profissionalização, o Oficina se aproximou de questões sociais a partir do elo com o Teatro de Arena. Já a excelência no acabamento das produções remeteu ao Teatro Brasileiro de Comédia.

Abalado pela instauração do regime militar no Brasil e pelo incêndio no Oficina em 1966, Zé Celso repensou as bases de seu trabalho. O resultado foi a montagem de “O rei da vela”. A escolha do texto de Oswald de Andrade representou o rompimento com uma linha de dramaturgia realista. A encenação, realçada pela cenografia de Hélio Eichbauer, foi essencial na consolidação do movimento tropicalista.

O acirramento da ditadura, com a edição do AI-5, fez com que o Oficina incluísse cada vez mais o público dentro da cena. Não cabia mais sensibilizar o espectador pela via da racionalidade, e sim desestabilizá-lo fisicamente em montagens atravessadas pela influência de Antonin Artaud.

Durante a ditadura, Zé Celso foi torturado e rumou para o exílio, em Portugal e Moçambique. Voltou ao país poucos anos depois. No decorrer da década de 1980, o Oficina ganhou uma reconfiguração espacial: o palco-passarela, projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi e Edson Elito. O grupo readquiriu força total em 1991 com a montagem de “As boas”, adaptação de “As criadas”, de Jean Genet.

Na sequência, Zé Celso desconstruiu “Hamlet”, ousou com a encenação de “As bacantes”, baseada em Eurípidas, e homenageou Cacilda Becker em “Cacilda!”. Um enorme desafio ainda estava por vir: a transposição de “Os sertões”, livro de Euclides da Cunha, que rendeu cinco espetáculos. A habilidade de Zé Celso em criar imagens de impacto a partir de um material cenicamente árido então se consagrou.

O diretor também lidou, durante décadas, com um grande conflito. O desejo de ampliar o espaço

do Oficina, necessário para a concretização de um teatro-estádio, mas esbarrou nos domínios do Grupo Silvio Santos. Fiel aos próprios sonhos, Zé Celso, que morreu em 6 de julho de 2023, aos 86 anos, não esmoreceu jamais.





**HOMENAGEM AO
COMPOSITOR
BURT BACHARACH**



O MAESTRO DO POP

Por Gilberto Silva Jr.

Mesmo se tratando de um western cômico, a sequência mais lembrada de “Butch Cassidy” (1969) é o interlúdio romântico entre Paul Newman e Katharine Ross em uma bicicleta ao som de “Raindrops keep fallin’ on my head”. A composição de Burt Bacharach com seu mais frequente letrista, Hal David (1921-2012), rendeu aos dois parceiros o Oscar de Melhor Canção. Bacharach também levou o prêmio de Melhor Trilha Musical.

Nascido em Kansas City, 1928, o maestro Burt Bacharach teve uma trajetória ligada ao cinema desde antes de sua consagração como autor de canções. Na juventude, foi pianista, arranjador e, contam as histórias, namorado da estrela Marlene Dietrich. A partir do início da década de 1960, a dupla Bacharach-David foi se tornando onipresente nas paradas de sucesso com canções que misturavam melodias ao mesmo tempo sofisticadas e grudentas, ajudando a popularizar cantoras como Dionne Warwick e Dusty Springfield.

A chamada do cinema às composições de ambos foi consequência natural, a partir de “What’s new pussycat?” para a comédia “Que é que há, gatinha” (1965). Na sequência vieram a canção-título de “Alfie” (1966), favorita do músico em seu extenso catálogo, e “The look of love”, em “Casino Royale” (1968). Todas rendendo indicações da dupla ao prêmio da Academia, que chegaria finalmente com “Butch Cassidy”. Bacharach seguiu compondo para a telona e recebeu ainda mais um Oscar pelo tema do filme “Arthur, o milionário sedutor” (1981), agora em parceria com Christopher Cross e Carole Bayer Sager, sua mulher na época.

Mesmo canções não compostas objetivamente para filmes renderam cenas inesquecíveis. Como não lembrar de “I say a little prayer” cantada à mesa pelo elenco de “O casamento do meu melhor amigo” (1997)? Ou dos filmes da franquia Austin Powers, sempre com *hits* de Bacharach-David? Foi também na década de 1990 que o compositor escreveu a última de suas belas criações para cinema: “God give me strenght”, de “A voz do meu coração” (1996). A canção marcou uma parceria com Elvis Costello registrada no magistral álbum “Painted from memory”.

Se as composições rarearam no fim da vida, Bacharach foi ativo em shows e aparições até sua partida, em 8 de fevereiro de 2023, aos 94 anos. E o cinema segue perpetuando sua obra, que tão bem se adequa ao ilustrar o casamento entre som e imagem.



**HOMENAGEM
AO CRÍTICO
MICHEL CIMENT**



UM CRÍTICO BEST-SELLER NA ARTE DE ENTREVISTAR

Por Rodrigo Fonseca

Lembranças de infância, lá de 1944, ligadas à ação das tropas americanas na libertação da França ocupada por nazistas, fizeram Michel Ciment (1938-2023) amar a vertente autoral de Hollywood. Ele amou filmes americanos por toda a vida, e fez deles objetos das críticas que escreveu para alguns dos veículos de imprensa de maior prestígio da Europa. A “Positif”, revista fundada em 1952 e celebrizada como concorrente direta da “Cahiers du Cinéma”, foi a plataforma mais prolífica das ideias de Ciment, que começou a escrever em suas páginas em 1963.

Três anos depois, em decorrência do sucesso de um artigo seu sobre Orson Welles, virou editor da publicação, sem nunca deixar o posto de crítico. Cuidou da “Positif” até a pandemia de covid-19, sempre exercitando seu interesse em perfilar cineastas com potência para criar uma obra própria e almejar o status de mestre. Grandes nomes foram agraciados com a pena de Ciment a partir de 1973, ano de lançamento de seu primeiro sucesso nas livrarias, *Kazan par Kazan*.

Graças à paixão pelo diretor de “Sindicato de ladrões” (1954) e por George Stevens (de “Assim caminha a humanidade”, de 1956), Ciment puxou papo com Terrence Malick, quando “Terra de ninguém” foi finalizado, em 1973. Tornou-se então o primeiro e único jornalista a entrevistar o recluso diretor – até uma *masterclass* dele em 2017. A arte de entrevistar sempre foi o forte de Ciment, vide o livro *Passeport pour Hollywood: Entretiens avec Wilder, Huston, Mankiewicz, Polanski, Forman & Wenders*, de 1992.

Fã de Ruy Guerra e Cacá Diegues, Ciment adorava cinema brasileiro. Respeitado por sua escrita fina e pela memória prodigiosa, tinha opiniões ferinas. Contestava a presença de “Juventude em marcha” na briga pela Palma de Ouro de 2006, implicava com Jim Jarmusch e considerava “Gomorra” melhor do que “Z”, de Costa-Gavras. Era entusiasta de Bertrand Tavernier e Volker Schlöndorff, estimulando que a obra desses mestres do cinema europeu fosse vista. E respeitava grifes que renovavam a fé da cinefilia em expressões de ousadia.



**INICIATIVA CINEMATOGRAFICA 2023:
AÍDA MARQUES E IVELISE FERREIRA PELO
DOCUMENTÁRIO “NELSON PEREIRA DOS
SANTOS: VIDA DE CINEMA”**



ENTREVISTA COM AÍDA MARQUES

Por Pablo Bazarelo

Todo ano, a ACCRJ concede o Prêmio de Melhor Iniciativa Cinematográfica a indivíduos que se destacam nas mais variadas áreas da produção de cinema. As eleitas em 2023 foram Aída Marques e Ivelise Ferreira, pela direção do documentário “Nelson Pereira dos Santos: Vida de cinema”, que fez sua estreia no prestigiado Festival de Cannes em maio de 2023.

Ivelise Ferreira é viúva do icônico cineasta que dá título ao documentário e que dirigiu clássicos absolutos da nossa cinematografia, como “Vidas secas” (1963) e “Memórias do cárcere” (1984). Aída Marques é cineasta e professora de Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). A ACCRJ teve a oportunidade de entrevistar Aída Marques sobre o documentário e a premiação. Confira a conversa, a seguir.

ACCRJ: Como surgiu a ideia de fazer o documentário “Nelson Pereira dos Santos: Vida de cinema”?

Aída Marques: O Nelson ia fazer um filme sobre Dom Pedro II com o historiador José Murilo de Carvalho. O tempo foi passando e ele desistiu. Então, a Ivelise e ele acharam que estava na hora de fazer um filme sobre o próprio Nelson. Eles me chamaram para fazer a produção e nós três concluímos que uma mulher deveria dirigir. A Ivelise e eu começamos a procurar uma diretora; pensamos muito e não encontramos ninguém. Assim, o próprio Nelson decidiu que quem deveria comandar o longa éramos nós duas, o que acabamos fazendo. E foi muito bom.

ACCRJ: Como foi o processo até a concretização da produção? Quais as maiores dificuldades?

A.M.: O processo de captação a gente fez no início, quando o Nelson ainda estava vivo. Ele ia participar do filme, teria um *alter ego*. Então, [a ideia] era completamente diferente. Depois do falecimento dele, a gente resolveu que faria um filme de arquivo, porque terminamos não fazendo nenhuma entrevista com ele. Eu já estava trabalhando com os filmes dele e com ele havia alguns anos. No meu pós-doutorado, me dediquei a pesquisar a obra do Nelson durante um ano. Fiz com ele a pesquisa para a ocupação no Itaú Cultural em São Paulo, cujo tema era ele próprio e suas obras. Começamos a pesquisa sem nenhum recurso. Nesse processo, fui revendo todos os filmes dele. Todo o material audiovisual eu já tinha levantado. Nisso, vimos que possuíamos um vasto conteúdo, o que permitia deixar a narração para o próprio Nelson. Ou seja, ele contaria a própria história. Mas foi complicado, porque veio o [presidente Jair] Bolsonaro, veio a covid

e aí ficou difícil. No início, nós trabalhamos remotamente. Logo, conseguimos parceiros, como a Globo Filmes e o Canal Brasil, mas precisávamos de mais recursos. Foi quando a prefeitura de Niterói entrou no projeto.

ACCRJ: Qual a principal intenção do documentário?

A.M.: Nossa principal intenção é mostrar esse cineasta fantástico, através dele próprio e de sua filmografia. Mostrar o Brasil, a cultura brasileira, o cinema brasileiro. Porque a gente não pode separar o Nelson de tudo o que aconteceu, de todas as manifestações das quais ele participou, das instituições. Então, o filme fala para além do Nelson. Fala sobre quem é esse intelectual que influenciou tanto a cultura brasileira.

ACCRJ: Como foi a experiência de exibir a produção em um festival tão prestigiado como o de Cannes?

A.M.: A experiência em Cannes não poderia ter sido melhor. Logo que inscrevemos o filme, a curadoria ficou encantada com ele. E a gente torcendo para o filme ser selecionado. Lá foi muito bom, a sessão estava lotada. Houve comentários e muitas entrevistas para revistas especializadas. Até hoje mantemos contato com essas revistas. Realmente, foi uma abertura maravilhosa. Um sonho, porque Cannes foi o festival que o Nelson mais frequentou.

48

ACCRJ: Qual o seu primeiro contato com o cinema de Nelson Pereira dos Santos? E o que a obra dele significa para você?

A.M.: O meu primeiro contato com o cinema do Nelson aconteceu a partir de uma experiência pessoal, aos 10 anos de idade. Foi com “Vidas secas”, em uma sessão para convidados em Niterói, no [extinto] Cine São Bento. Eu morava em Niterói e o Nelson também. Meu pai circulava nos mesmos meios que ele, era amigo dele. Meu pai me levou a essa sessão. Fiquei encantada. As pessoas estavam muito felizes porque o filme ia para Cannes. Foi minha primeira sessão para convidados.

ACCRJ: Pelo filme “Nelson Pereira dos Santos: Vida de cinema” você e a Ivelise Ferreira receberam o Prêmio Iniciativa Cinematográfica 2023 da ACCRJ. O que isso representou para você?

A.M.: Olha, receber esse prêmio da Associação de Críticos foi realmente maravilhoso, porque estamos recebendo um prêmio de pessoas que gostam de cinema, que entendem de cinema, que falam sobre cinema – mais até do que nós, que somos realizadoras. Eu acho que o Nelson Pereira merece esse prêmio. Por tudo que fez pelo cinema nacional. Não só por sua filmografia, mas por sua atuação política em defesa do nosso cinema, sempre. Participou de cooperativa de cinema, participou das iniciativas de leis de incentivo e sempre foi um porta-voz da cultura brasileira, do cinema brasileiro e do Brasil.

ACCRJ: Você é professora, montadora, roteirista, produtora e diretora. Quais seus próximos projetos? Pensa em realizar novos documentários?

A.M.: Eu estou muito ativa, com muitos projetos, querendo falar de muitas coisas atualmente. Estou captando recursos para um projeto sobre mulheres acima dos 50 anos. Acho que é um assunto que tem de ser tratado logo. E também para duas ficções, dois filmes de ficção, longas-metragens: um sobre o amor e a paixão baseado na obra de Stefan Zweig; o outro é um argumento original, sobre nossas recentes desandadas na política. Enfim, estou bastante feliz, podendo trabalhar bastante e querendo falar de muitas coisas. E, finalmente, muito obrigada mesmo a todos vocês.






Nelson Pereira dos Santos: Vida de cinema, de Aída Marques e Ivelise Ferreira (Brasil, 2023).


Documentário. Sinopse: obra revisita a trajetória de Nelson Pereira dos Santos passeando pelas imagens de seus filmes, desde a década de 1950 até a atualidade, período em que a vida do cineasta se entrelaça com a história do próprio país e do cinema brasileiro. **102 minutos. 14 anos.**

* ESTAÇÃO NET RIO *








7 de março, quinta-feira

- 14h Decisão de Partir 
 16h30 Assassinos da Lua das Flores 
 20h **Debate:** Marcelo Janot e Frank Carbone 





8 de março, sexta-feira

- 15h15 Pearl   
 17h15 Tár 
 20h **Debate:** Ana Rodrigues e Luciana Costa 

9 de março, sábado

- 15h10 Os Banshees de Inisherin   
 17h20 Os Fabelmans   
 20h **Debate:** Ana Carolina e Rodrigo Fonseca 








10 de março, domingo

- 14h Decisão de Partir 
 16h40 Pearl   






11 de março, segunda-feira

- 14h30 A Baleia   
 16h50 Oppenheimer   
 20h **Debate:** Mario Abbade e Ricardo Largman 

12 de março, terça-feira

- 15h40 Triângulo da Tristeza   
 18h20 Retratos Fantasmas   
 20h **Debate:** Carlos Brito e Tatiana Trindade 

13 de março, quarta-feira

- 16h30 Nelson Pereira dos Santos – Uma Vida de Cinema   
 18h30 Filhas do Vento 
 20h **Debate:** Pablo Bazarello, Bruno Giacobbo e Ivelise Ferreira 

* PROGRAMAÇÃO ACESSÍVEL *

A mostra Os Melhores Filmes do Ano 2023 possui uma programação acessível. As pessoas interessadas e com necessidade de recursos como audiodescrição, legenda descritiva e/ou interpretação em Libras, poderão baixar os aplicativos Mobi LOAD e MovieReading, disponíveis em versão Android e IOS.

Confira na programação os recursos oferecidos para cada um dos filmes da mostra.

Os recursos de acessibilidade do filme “Os Banshees de Inisherin” estarão disponíveis apenas no aplicativo MovieReading.


Os demais filmes estarão todos disponíveis no aplicativo Mobi LOAD.

A produção “Assassinos da Lua das Flores” será exibida com legenda descritiva diretamente no filme.








Todos os debates e o curso programados contarão com a presença de Intérpretes de Libras.

* PONTO CINE *

12 de março, terça-feira

- 15h Assassinos da Lua das Flores 
 19h Decisão de Partir 





13 de março, quarta-feira

- 15h **Curso de Crítica Cinematográfica** 
 16h30 Os Banshees de Inisherin   
 19h Os Fabelmans   







14 de março, quinta-feira

- 15h **Curso de Crítica Cinematográfica** 
 16h30 Pearl   
 19h Tár 

15 de março, sexta-feira


- 15h **Curso de Crítica Cinematográfica** 
 16h Filhas do Vento 
 18h Nelson Pereira dos Santos – Uma Vida de Cinema   
 19h40 **Debate:** Luciana Costa, Célio Silva, Mario Abbade e Adailton Medeiros 


16 de março, sábado

- 14h30 A Baleia   
 17h Oppenheimer   

17 de março, domingo

- 16h Triângulo da Tristeza   
 19h Retratos Fantasmas   

 Interpretação em LIBRAS

 Legenda descritiva

 Audiodescrição

* CURSO DE CRÍTICA CINEMATOGRAFICA COM MARIO ABBADE *

13 a 15 de março, às 15h

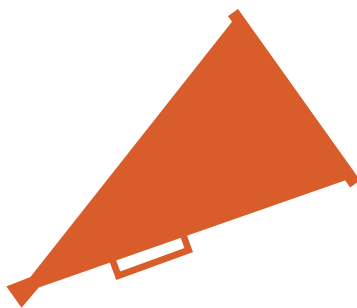
No PontoCine (Estrada do Camboatá, 2.300, Guadalupe)

O curso é aberto à profissionais com qualquer formação e atende à um interesse cada vez maior pela crítica de cinema, provocado principalmente pela internet e seus inúmeros perfis de redes sociais dedicados à sétima arte, sites, blogs e mídia impressa.

Serão 3 encontros de 2h de duração cada. As vagas são limitadas, a inscrição é gratuita e deve ser feita através do e-mail: contatoblgentretenimento@gmail.com. Inscrições a partir de 07 de março.

No corpo da mensagem, o interessado precisa informar o nome completo, número do RG e telefones para contato. As inscrições são por ordem de recebimento das mensagens. Será preciso aguardar uma resposta de confirmação por parte da produção. Ao final do curso, será entregue um certificado de participação. Teremos a presença de intérprete de Libras.

Classificação indicativa: 16 anos



* ESTAÇÃO NET RIO *

Sala 1 - Rua Voluntários da Pátria, 35, Botafogo, Rio de Janeiro

* PONTO CINE *

Estrada do Camboatá, 2.300, Guadalupe, Rio de Janeiro

Realização

BLG Entretenimento

Apoio

RioFilme

Curadoria

ACCRJ – Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro

Programadores

Célio Silva
Luciana Costa
Mario Abbade

Direção Geral

Mario Abbade

Coordenação do projeto

Breno Lira Gomes

Produção Executiva

Ricardo de Aquino

Produção de Cópias

Daniela Barbosa

Assistente de Produção & Monitoria

João Campany e Suelem Santos

Programação Visual

Folha Verde Design

Produção de Vinheta & Vídeos de Divulgação

Julio Martins

Organização dos debates

Mario Abbade

Assessoria de Imprensa

Alexandre Aquino
Cláudia Tisato

Edição de Redes sociais

Tui Villaça

Registro Videográfico & Fotográfico

Urion Castilho
Léo Barros

Coordenação Editorial catálogo

Mario Abbade

Revisão de textos

Kathia Ferreira

Impressão Gráfica | Catálogo

Gráfica Qualitytá

Transporte de Cópias & Material

Fênix Cargo

**Sessões com recursos de acessibilidade:
Audiodescrição, Interpretação em Libras e
Legenda descritiva**

Mobi LOAD
MovieReading

Intérpretes de Libras

Cássia Maia
Igor Mesquita
Isaac Gomes
Natallia Maia

Organização de Prestação de Contas

Breno Lira Gomes
Ricardo de Aquino

Contador Responsável

Maximo's Contabilidade

Agradecimentos Especiais

Califórnia Filmes
Casa Criação Cinema e Artes
Cinecolor
Diamond Films
Disney Brasil
Grupo Estação
MP2
Paramount Pictures Brasil
Ponto Cine
Universal/Warner Brasil
Vitrine Filmes

Agradecimentos

Aida Marques, Cátia Castilho, Cavi Borges, Eduardo Baldoino, Enzo Kruschewsky, Felipe Valle, Fluminense Football Club, Jairo Nogueira, Joel Zito Araújo, Juliana Pereira, Julio Claudio da Silva, Marcelo Garcia, Marcio Melges, Mariana Sobreira, Maxine Santana, Raphaela Pereira, Rodrigo Mattos, Rodrigo Siqueira, Thiago Souza, Willian Basilio e Wilton Lino.





*** ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES ***

*** A BALEIA ***

*** DECISÃO DE PARTIR ***

*** OPPENHEIMER ***

*** OS BANSHEES DE INISHERIN ***

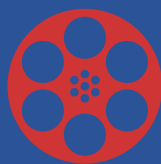
*** OS FABELMANS ***

*** PEARL ***

*** RETRATOS FANTASMAS ***

*** TÁR ***

*** TRIÂNGULO DA TRISTEZA ***



@blgentretenimento

ISBN 978-65-86448-19-1 | Venda proibida.

REALIZAÇÃO

blg
ENTERTENIMENTO

PARCERIA

Estações **NET**
CINEMA

PONT**©**INE

APOIO

PRÓ-CARIOCA
AUDIOVISUAL

G20



RIOFILME

Rio
PREFEITURA

CULTURA